

ESCRavidÃO E Migração NO TEMPO E PERSONAGENS: UMA LEITURA DO CONTO SARAPALHA, DE GUIMARÃES ROSA

Marcos Douglas Bourscheid Pereira¹

Resumo: Sarapalha, conto presente no livro Sagarana, de João Guimarães Rosa, apresenta-se como um importante texto para o mapeamento de questões sociológicas do interior de Minas Gerais – mais especificamente as margens do rio Pará – demonstrando os processos migratórios e a escravidão social e pode ser analisado sob o viés da temporalidade, da ambientação e da mobilidade das personagens que demonstram o processo de decadência do patriarcalismo no Brasil. A sensibilidade artística de Guimarães Rosa nos apresenta um retrato geográfico, social, histórico e narrativo de ampla significação e múltiplos sentidos que apontam para o íntimo do ser humano e para os conflitos que podem ser despertados por personagens silenciosas que transitam e migram em meio a personagens concretas e observáveis para os padrões literários, como concluímos neste artigo.

Palavras-chave: *Sarapalha*. Personagem. Ambientação. Tempo.

SLAVERY AND MIGRATION IN TIME: A READING OF THE TALE SARAPALHA, BY GUIMARÃES ROSA

Abstract: Sarapalha, a tale present in the book Sagarana, by João Guimarães Rosa, is presented as an important text for the mapping of sociological issues of the interior of Minas Gerais - specifically the banks of the Pará river - demonstrating migratory processes and social slavery and can be analyzed under the bias of temporality, the setting and the mobility of the characters that demonstrate the process of decadence of patriarchalism in Brazil. The artistic sensitivity of Guimarães Rosa presents us with a geographical, social, historical and narrative portrait of wide significance and multiple meanings that point to the intimate of the human being and to the conflicts that can be awakened by silent personages that transit and migrate amidst characters concrete and observable for literary standards, as we concluded in this article.

Keywords: Sarapalha. Character. Atmosphere. Time.

ESCLAVITUD Y MIGRACIÓN EN EL TIEMPO Y PERSONAS: UNA LECTURA DE SARAPALHA, DE GUIMARANES ROSA

Resumen: Sarapalha, cuento presente en el libro Sagarana, de João Guimarães Rosa, se presenta como un importante texto para el mapeo de cuestiones sociológicas del interior de Minas Gerais - más específicamente las márgenes del río Pará - demostrando los

¹ Universidade Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE

procesos migratorios y la esclavitud social y puede ser analizado bajo el sesgo de la temporalidad, de la ambientación y de la movilidad de los personajes que demuestran el proceso de decadencia del patriarcalismo en Brasil. La sensibilidad artística de Guimarães Rosa nos presenta un retrato geográfico, social, histórico y narrativo de amplia significación y múltiples sentidos que apuntan hacia lo íntimo del ser humano y hacia los conflictos que pueden ser despertados por personajes silenciosos que transitan y migran en medio de personajes concretas y observables para los patrones literarios, como concluimos en este artículo.

Palabras clave: Sarapalha. Personaje. Ambiente. Tiempo.

Conceituação introdutória

Publicado inicialmente em *Sagarana*, no ano de 1946, o conto *Sarapalha* – objeto de estudo neste artigo – é o terceiro de uma das obras considerada como uma das mais importantes da literatura em língua portuguesa. O livro representa a estreia de João Guimarães Rosa na literatura – ao menos entre os escritos não renegados pelo próprio autor. São nove contos que, segundo alguns estudiosos, assemelham-se ao gênero literário novela. O artigo em questão pretende analisar alguns elementos que constituem a narrativa, como o tempo, a ambientação e as personagens em sua relação com algumas contingências sociológicas – tema de especial atenção de Guimarães Rosa ao longo de sua obra.

O conto, primeira aventura em publicação de Guimarães Rosa, demonstra como transitaria de forma marcante o autor de *Sagarana* (1946). Em uma geração que vivia os ecos do romance de 1930, Guimarães Rosa encontra no conto um gênero literário novo e que se adaptaria muito bem à realidade do Brasil no período de transição política entre a segunda e a terceira repúblicas

[...] no mundo onde [Rosa] nasceu e escreveu – o sertão – não existe a forma essencialmente prosaica e urbana do romance (...) G. Rosa pertence, portanto, não obstante sua inovação, a uma tradição narrativa brasileira que tende à forma do conto. (ROSENFELD, 2006, p. 37).

Nas palavras de Kathrin Rosenfield é possível perceber como a narrativa brasileira será profundamente transformada a partir do conto de Guimarães Rosa, compondo os contos de *Sagarana* (1946) um universo de elementos para análises que perpassarão o Século XX. Assim já é possível perceber tais elementos desde o primeiro conto do livro, inclusive em *Sarapalha*, objeto de análise – ainda que superficial - deste artigo.

Ao ler o conto é difícil que não se impressione o leitor com a fabulação e a especial técnica utilizada por Guimarães Rosa quando transpõe sua visão de mundo para o plano artístico recorrendo ao encontro entre a linguagem culta e aos registros da oralidade dos habitantes do interior do estado de Minas Gerais. Devido à sua formação acadêmica o autor constrói uma análise pontual da flora e da fauna da região de forma a

registrar uma natureza que sofreria certa degradação com o passar das décadas, o que parece ter especial atenção do artista quando escreve suas obras. O tempo cronológico, aliado ao estatuto social é trabalhado, com a atuação das personagens, de modo a apontar inúmeras contingências sociais, algumas das quais serão levantadas neste artigo.

A aparente simplicidade que conduz um enredo repleto de significações

A narrativa é construída com a chegada da malária – doença tropical que se manifesta por meio de febres intermitentes após a transmissão de um parasita pela fêmea do mosquito *anopheles* - às margens do Rio Pará, um dos cursos d'água que desemboca no famoso Rio São Francisco. A comunidade de Sarapalha é praticamente exterminada pela maleita, restando poucos moradores que ainda resistem aos perigos da mortal doença. Os primos Argemiro e Ribeiro resistem passivos aos efeitos da doença enquanto aguardam que um dos dois destinos possíveis a todo ser humano os alcance. A espera os faz rememorar seu passado recente e discutir as poucas esperanças de um futuro que os dois não sabem se irão alcançar.

Luísa, prima de Argemiro fora casada por cerca de três anos com Ribeiro e estabelecera-se, juntamente com o esposo, no Arraial da Sarapalha. Algum tempo depois recebem a companhia do primo Argemiro que viera a se estabelecer com os outros dois. Um fato que virá a ser esclarecido ao leitor nas últimas páginas do conto é a paixão de Argemiro pela prima Luísa. O sentimento é suprimido pela personagem em respeito à tradição.

Na sequência da narrativa, rememorada sob a forma de *flash-back*, Luísa foge com um boiadeiro que se hospedara na casa dos primos sob o pretexto de aguardar a condução de um rebanho e os abandona à própria sorte, já adoecidos pela malária.

Ribeiro, ao contrário da tradição da época, não sai em busca de sua honra e permanece com seus duais sentimentos de raiva e paixão por sua esposa. Argemiro, por sua vez, continua nutrindo seus sentimentos de paixão e remorso – agora motivados pela perda definitiva da possibilidade mínima de concretização de seu sentimento.

O desfecho se dá quando Argemiro resolve, motivado por um desejo de catarse e intencionando livrar-se do remorso que o castigava, contar a seu primo sobre sua paixão por Luísa e revelar o motivo que fizera abandonar suas terras e unir-se ao casal naquela

morada. A empreitada não ocorre como imaginava Argemiro e destrói a aparente sólida amizade entre os dois, uma vez que – além do elemento da segunda traição sofrida por Ribeiro – desconstrói a ideia de que o primo permanecera ali para ajudar nos cuidados de Ribeiro que se encontrava mais adoentado do que o primo.

Ao final do conto Ribeiro expulsa seu agora inimigo de sua casa e observa-o enquanto ele abandona suas terras desolado.

Tempo e ambientação: alinhavados na construção das angústias do homem

Ao analisar a narrativa cronologicamente é possível perceber que o tempo transcorrido na diegese é de cerca de um dia, transcorrendo os fatos principais entre o amanhecer e o entardecer. É possível inferir que o tempo cronológico é o do interior das Minas Gerais dos anos 1940, devido à época que a obra foi publicada e pela referência histórica do avanço da malária naquela região na referida década.

Sob outra perspectiva de tempo é percebida também a marca forte do *flash-back* que confere maior mobilidade à narrativa. Os fatos passados no período anterior aos últimos três anos compõem o período rememorado pelas personagens, o que se evidencia pelo fato, descrito pelo narrador, que dá nota do tempo de noivado e da efetivação do casamento de Luísa com Ribeiro.

Um dos destaques em relação ao tempo refere-se ao delírio provocado pela sezão – febre intermitente e periódica – sintoma característica da malária. A contagem do tempo é acentuada pelo narrador como sendo o derradeiro momento concreto que vai consumir o fim da dor causada mentalmente. Enquanto a dor física pode ser contada cronologicamente, a dor mental parece ser infinita, sendo um dos destaques de Guimarães Rosa que denota a importância das ações vivenciadas pelo ser humano em sua travessia pela existência.

Em *Sarapalha* observa-se, nas conjecturas de Argemiro, os danos que o tempo alongado pelo fator psicológico, podem causar ao humor humano. Assim o narrador nos dá a compreender a força da ação do tempo ao analisar a crença de Argemiro em relação ao tempo “Sim, d’aqui a pouco vai ser a sua hora.” (GUIMARÃES ROSA, 2009, p. 105). Neste excerto pode-se observar que o tempo é datado como a hora da morte; a hora derradeira da vida de um ser humano, o que tem caráter ainda mais profundo do

que um simples evento, uma vez que marca e guia todas as ações da personagem em um local tão ermo, abandonado e agreste como era o sertão de Minas Gerais nos anos 1940. Tal perspectiva é completada com a análise feita em seguida “Aqui a febre serve de relógio” (GUIMARÃES ROSA, 2009, p. 105), que comprova a total submissão daqueles homens ao tempo reduzido e determinado por uma doença que lhes ocupa o corpo e a mente já sem perspectivas de cura devido ao caráter de distanciamento em relação aos grandes centros onde as possibilidades de cura poderiam configurar-se mais efetivas.

Cabe destacar que o tempo, em Guimarães Rosa, não pode ser concebido de forma dissociada do espaço. Vincenzo Arsillo (2009) observa, ao analisar *Grande Sertão: Veredas*, que o sertão para Guimarães Rosa é “a forma, a figura, a imagem que o tempo pode assumir; é, por paradoxo, uma possibilidade única, uma liberdade da sua expressão. O sertão é o único espaço ao qual é possível atribuir a plenitude, a totalidade do tempo” (ARSILLO, 2009, p. 227). Dessa forma, fica claro que o sertão e seu entorno, enquanto espaço de ambientação, atuam, na obra roseana, de maneira determinante formando um todo que se alinhava para constituir a essência das indagações existenciais dos moradores daquela região, destruindo o status estabelecido sociologicamente pelo tempo em nossa dimensão contemporânea.

No quesito ambientação, o conto explora e traz ao futuro público leitor de Guimarães Rosa o “descobrimento” de uma região pouco ou nada explorada na literatura brasileira. O local de ambientação é descrito no início do conto

Tapera de arraial. Ali, na beira do Rio Pará, deixaram largado um povoado inteiro: casas, sobradinho, capela; três vendinhas, o chalé e o cemitério; e a rua, sozinha e comprida, que agora nem mais é uma estrada, de tanto que o mato a entupiu. (GUIMARÃES ROSA, 2009, p. 93)

O rio Pará é por alguns a lembrança de um rio homônimo ao localizado no estado do Pará (Região Norte do Brasil), mas é, no conto de Guimarães Rosa, o retrato de um rio localizado no interior do estado de Minas Gerais, que nasce na Serra das Vertentes, no município de Resende Costa e corta os municípios de Desterro de Entre Rios, Passa Tempo, Piracema, Carmópolis de Minas, Itaguara, Claudio, Carmo do Cajuru, Divinópolis, [São Gonçalo do Pará](#), [Conceição do Pará](#), [Pitangui](#) e [Martinho Campos](#),

onde logo após deságua no rio São Francisco. A região é a centro-oeste do estado de Minas Gerais e, às margens do rio Pará, encontrava-se pouco desenvolvida economicamente nos idos da década de 1940.

A descrição do local também é importante para o entendimento do relato do narrador quando dá conta de que “a febre serve de relógio” (Guimarães Rosa, 2009, p. 105). O local é pouco habitado devido à maleita e constituído de uma rua “entupida” pelo mato e de apenas três “vendinhas”, comprovando um comércio de poucos habitantes. Tal ambientação comprova que a região é monótona, sem grandes acontecimentos e agora, abandonada pelo medo da malária, faz com que as personagens tenham ainda mais presente em suas vidas as poucas circunstâncias que referendem o tempo. De tal forma, a febre e o medo da morte são confirmados pelo espaço em uma relação íntima com a noção de tempo que lhes resta.

O sertão ainda aparece, em seu abandono, como um local onde o espaço constrói relação ainda mais profunda no íntimo das personagens do que o próprio tempo, construindo e desconstruindo as perspectivas de futuro do habitante da região, como podemos perceber na análise de Fortes (2013) “[...] em “Sarapalha”, já se evidencia a prevalência do espaço sobre o tempo e da força do sertão sobre as edificações humanas.” (FORTES, 2013, p. 22). De tal forma, o que era uma estrada e trazia vida, dinamicidade do tempo na vida das personagens, passa a ser “entupida” pelo mato, da mesma forma que a maleita “entope” as vidas e traz novo sentido ao tempo na vida das personagens. Assim, o tempo assume o significado da cronologia e ritmos da natureza, o que traz ainda mais força à descrição da natureza, da fauna e da flora feitas pelo autor, fazendo, em certos momentos, com que o leitor tenha a noção de que o verdadeiro personagem do conto é o ambiente natural do sertão de Minas Gerais, enquanto a natureza parece querer trocar de lugar com as personagens humanas.

Personagens: o humano e a fauna atuando sociologicamente.

Após a leitura do texto é possível identificar, em um primeiro momento, a presença de quatro personagens principais: Ribeiro, seu primo Argemiro, a esposa Luísa

seu amante, descrito como Boiadeiro, além de Ceição, caracterizada como “uma negra, já velha” (GUIMARÃES ROSA, 2009, p. 94).

As personagens Ribeiro e Argemiro apontam, no conto, a decadência do patriciado rural, como observara Gilberto Freyre, no Prefácio de *Sobrados e Mucambos*,

Nestas páginas, procura-se principalmente estudar os processos de subordinação e, ao mesmo, tempo, os de acomodação, de uma raça a outra, de uma classe a outra, de várias religiões e tradições de cultura a uma só, que caracterizam a formação do nosso patriarcado rural e, a partir dos fins do século XVIII, o seu declínio ou o seu prolongamento no patriarcado menos severo dos senhores de sobrado urbanos e semi-urbanos; o desenvolvimento das cidades; a formação do império, íamos quase dizendo, a formação do povo brasileiro. (FREYRE, 2003, p. 27)

Como podemos observar no conto, vários elementos citados por Freyre (2003) são notados como exemplo do resultado da decadência patriarcal como reflexo da formação econômica brasileira, micro representada pela estrutura presente na ambientação de *Sarapalha*.

Um dos elementos presentes na narrativa diz respeito à presença da personagem Ceição, que é descrita como “negra” e “velha” (GUIMARÃES ROSA, p. 94), denotando ser ela uma remanescente do período escravista, atuando ainda como uma empregada de serviços domésticos na propriedade de Ribeiro. O período da escravidão é inclusive citado pelo narrador durante a descrição de uma fazenda do vau da Sarapalha

“É aqui, perto do vau da Sarapalha: tem uma fazenda, denegrada e desmantelada; uma cerca de pedra-seca, do tempo de escravos; um rego murcho, um moinho parado; um cedro alto, na frente da casa; e, lá, dentro, uma negra, já velha, que capina e cozinha o feijão. Tudo é mato, crescendo sem regra; mas, em volta da enorme morada, pés de milho levantam espigas, no chiqueiro, no curral e no eirado, como se a roça se tivesse encolhido, para ficar mais ao alcance da mão.” (GUIMARÃES ROSA, 2009, p. 94)

O relato sobre uma cerca “do tempo dos escravos” e o mato crescendo desmedidamente em volta da “enorme morada” dão conta de que o local havia sido uma produtiva fazenda que restara da decadência do patriarcado rural.

As personagens Ribeiro e Argemiro trazem marcas de propriedade, sendo que o primeiro é o proprietário do agora decadente local, enquanto o segundo deixara seu local – o que denota propriedade – para permanecer na Sarapalha dando cuidados a seu primo e amigo. A decadência das personagens apresenta-se como econômica e também psicológica, uma vez que se entregam ao tempo e a suas contingências aceitando a decadência e permitindo que a maleita seja o senhor de seu tempo.

Outros personagens do conto são apenas citados: Luísa e o Boiadeiro, que fugiram juntos, representam elementos da sociedade mineira, sendo que Luísa quebra as barreiras do esperado para a mulher de seu tempo por uma sociedade pautada pela dupla moral patriarcal, na qual a traição feminina representa algo inaceitável.

No que se refere à atitude de Luísa, Guimarães Rosa apresenta elementos desafiadores do pensamento tradicional brasileiro ao permitir que a personagem Ribeiro, ainda que corroído pelos ciúmes e pela desonra, não busque reparação de sua moral patriarcal, evidenciando mais uma vez a decadência da moral patriarcal naquele momento histórico, como fica evidente em

- Ai, Primo Ribeiro, por que foi que o senhor não me deixou ir atrás deles, quando eles fugiram ? Eu matava o homem e trazia minha prima de volta pr'a trás...

- P'ra quê, Primo Argemiro? Que é que adiantava?...Eu não podia ficar com ela mais...Na hora, quando a Maria Preta me deu o recado dela se despedindo, mandando dizer que ia acompanhar o outro porque gostava era dele e não gostava mais de mim, eu fiquei meio doido...Mas não quis ir atrás, não...Tive vergonha dos outros...Todo-o-mundo já sabia. E, ela, eu tinha obrigação de matar também, e sabia que a coragem p'ra isso havia de faltar... (GUIMARÃES ROSA, 2003, p. 100)

Na ocasião presente no excerto acima pode-se perceber o processo de decadência apontado na perda da coragem em buscar a defesa da honra subjetiva. Neste quesito, Guimarães Rosa aponta com maestria para o processo de alteração drástica na questão patriarcal, ao construir uma personagem que se abstém da cobrança da própria moral, absorto pelo processo de decadência econômica e física que o atingem.

A personagem boiadeiro representa um elemento de fuga da realidade decadente presente na característica sedentária de Ribeiro. O fato de movimentar-se constantemente faz da personagem alguém mais interessante – talvez até pelo seu vigor

físico - aos olhos de Luísa que, mesmo sabedora do interesse da personagem Argemiro, decide abandonar a Ribeiro e a decadência daquele espaço para viver uma vida diferente em um espaço mais libertador.

Ainda no que se refere à questão da personagem no conto *Sarapalha*, Guimarães Rosa inova ao apresentar como uma espécie de personagem a sezão, ou maleita, trazida pelo mosquito anofelino.

Ao refletirmos acerca da personagem, podemos recorrer à discussão apresentada por Reis e Lopes (2011), ao citar Hamon (1983, p. 20)

Manifestada sob a espécie de um conjunto descontínuo de marcas, a personagem é uma unidade difusa de significação, **contruída** progressivamente pela narrativa [...]. Uma personagem é, pois, o suporte das redundâncias e das transformações semânticas da narrativa, é constituída pela soma das informações facultadas sobre o que ela é e sobre o que ela **faz** [...] Aponta-se assim para uma concepção da personagem como **signo**, ao mesmo tempo que se sublinha implicitamente o teor dinâmico que de um ponto de vista modal preside à narrativa. (REIS E LOPES, 2011, p. 315) [grifo dos autores]

É possível perceber, recorrendo ao Dicionário de Narratologia (2011), constrói-se progressivamente, desde o início do conto, uma relação quase que humana entre a febre – denominada *sezão* e, às vezes, *maleita* – e as personagens humanas, que dela falam e com ela parecem dialogar, ajudando a definir, com auxílio dela, o tempo e a ambientação entrelaçados, como se percebe ao ler o terceiro parágrafo, no início do conto

Ela veio de longe, do São Francisco. Um dia, tomou caminho, entrou na boca aberta do Pará, e pegou a subir. Cada ano avançava um punhado de léguas, mais perto, pertinho, fazendo medo no povo, porque era sezão da brava – da “tremedeira que não desamontava” – matando muita gente.

- Talvez que até aqui ela não chegue...Deus há-de...
(GUIMARÃES ROSA, 2009, p.93)

A importância dada pelo percurso da doença e da febre, relatada pelas personagens como algo que avança silenciosamente e parecendo ter vontade própria ao definir onde

vai chegar, denotam a construção de uma personagem não humana que guiará as ações da narrativa até a última cena.

Nas observações do narrador e das personagens Ribeiro e Argemiro, ela aparece como uma personagem com vontade própria “- Talvez que para o ano ela não volte, vá s’embora...” (GUIMARÃES ROSA, 2003, p. 93). O desejo das outras personagens é justamente o de que ela (a possível personagem) vá embora trazendo a possibilidade de revigoração da cena local.

Há também uma transmutação da “personagem” febre, que se transforma – ou agrega outra característica – devido à sensação que causa nas personagens “- Ei, primo, aí vem ela... - Danada!... - Olh’ele aí...o friozinho nas costas...” (GUIMARÃES ROSA, 2003, p. 95). A adjetivação “danada” e a transmutação para o sintoma “friozinho” comprovam como a febre atua com poderio e importância – ao menos na visão de Ribeiro e Argemiro – no desenvolver da narrativa, fazendo a eles a companhia indesejada, como as (des) companhias que lhes deixaram (Luísa e o boiadeiro).

Ao final do conto, na cena derradeira na qual Ribeiro manda Argemiro embora de suas terras ao saber da paixão deste pela esposa do primeiro, novamente aparece a atuação da personagem silenciosa que domina as personagens principais ao longo do enredo “- I-v-v-v!...O primeiro calafrio...A maleita já chegou...” (GUIMARÃES ROSA, 2003, p. 107). Na passagem é possível verificar como a personagem Ribeiro dá valor e atenção aos sintomas da febre, que o visitam e alienam seu pensamento.

Em meio ao desfecho, o fluxo de pensamento de Argemiro também é alterado e a personagem dialoga com a febre

Ai! que o frio cai entre os ombros, e vai pelas costas, e escorre das costas para o corpo todo, como fios de água fina. Zoa nos ouvidos confuso sussurro, e para diante dos olhos vêm coisinhas, querendo dançar. (GUIMARÃES ROSA, 2003, p. 107)

Por meio do delírio o fluxo de consciência de Argemiro é acentuado pela maleita que o faz delirar e relembrar posteriormente o momento no qual vira Luísa pela primeira vez. Em um misto de remorso por ter desapontado o primo querido e devaneio, por lembrar-se dos efeitos que a esposa do amigo causara em sua mente, a personagem é levada a oscilar – motivado pela febre – entre a decisão racional de decidir o rumo que deveria

seguir e a possibilidade de ser chamado e perdoado por Ribeiro.

A cena final demonstra a importância que a febre tem para a reorganização do pensamento daquelas personagens em decadência

Estremecem, amarelas, as flores da aroeira. Há um frêmito nos caules rosados da erva-de sapo. A erva-de-anum crisca as folhas, longas, como fôlhas de mangueira. Trepidam, sacudindo as suas estrelinhas alaranjadas, os ramos da vassourinha. Tiritam a mamona, de folhas peludas, como o corselete de um caçununga, brilhando em verde-azul. A pitangueira se abala, do jarrete à grimpa. E o açoita-cavalos derruba frutinhas fendilhadas, entrando em convulsões.

-- Mas, meu Deus, como isto é bonito! Que lugar bonito p'r'a gente deitar no chão e se acabar!...

E'o mato, todo enfeitado, tremendo também com a sezaõ.

(GUIMARÃES ROSA, 2003, p. 108)

Enquanto a natureza se mostra organizada em meio ao caos das personagens e a cena evidencia o triunfo da natureza do sertão sobre o homem em decadência, percebe-se a atuação da febre enquanto personagem que inicia e conclui a fábula do conto.

A descrição da cena final configura a resolução do problema na mente de Argemiro, que sente-se perdoado por amar Luísa e imagina juntar-se à natureza em uma harmonia que não estava mais presente na tentativa de civilização proposta pelo homem. A sezaõ que atua desde o terceiro parágrafo como definidora dos rumos da narrativa é entendida pelo personagem como parte de uma natureza resignada, que treme com o vento de maneira regular, contrária ao processo de derrocada vivido pelos personagens principais ao longo da narrativa em meio a um imenso e vasto sertão de solidões.

Considerações finais: ambiente e personagens sem fim

Assim como a literatura representa as angústias, alegrias e os demais sentimentos humanos, a cena domina as ações e humores humanos de maneira a determinar seu caminhar e suas tomadas de decisões, também apresenta ao leitor a possibilidade de criar e analisar suas “saídas” frente aos desafios enfrentados ao longo da vida. Da mesma forma que a cena, as personagens vêm e vão, nas páginas dos contos e romances, representando nossos “fantasmas” reais e abstratos. Assim, compõem

importante elemento de análise não só de categorias narrativas como também de análise sociológica.

O conto em questão é um importante texto literário que contém inúmeras e consistentes possibilidades de verificação, tanto das categorias narrativas quanto de características sociológicas, que auxiliam na compreensão de aspectos culturais e econômicos da população brasileira da primeira metade do século XX. A decadência do sistema rural e do patriarcalismo são expostos em uma ambientação dinâmica e por meio de personagens de construção esmerilhada que introduzem, aos olhos do leitor, o sertão de Minas Gerais que será desvendado e levado ao mundo com o olhar profundo, que lança ao coração humano o autor Guimarães Rosa.

REFERÊNCIAS

ARSILLO, Vincenzo. “As veredas do tempo: dialética das imagens temporais em Grande Sertão”. In: CHIAPPINI, Ligia & VEJMEKKA, Marcel. **Espaços e caminhos de João Guimarães Rosa: dimensões regionais e universalidade**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

FORTES, Rita Felix . “Sarapalha”: onde o vau da vida não dá pé. Revista Guará – Linguagem e Literatura, v. 3, n.1, pp. 11-27, 2013.

FREYRE, Gilberto. **Sobrados e mucambos: decadência do patriarcado rural e desenvolvimento urbano**. São Paulo, Global, p. 27, 2003.

REIS, Carlos; LOPES, Ana Cristina. **Dicionário de Narratologia**. Coimbra: Livraria Almedina, 7ª ed. 2011.

GUIMARÃES ROSA João. Sagarana. In: **Ficção completa em dois volumes**. Volume I. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, pp. 93-108, 2009.

ROSENFELD, Kathrin. **Desenveredando Rosa: a obra de J. G. Rosa e outros ensaios rosianos**. Rio de Janeiro: Topbooks, 2006.